



UNIVERSIDADE FEDERAL DA PARAÍBA  
CENTRO DE EDUCAÇÃO  
CURSO DE LICENCIATURA PLENA EM PEDAGOGIA  
MODALIDADE À DISTÂNCIA

JOSEFA JAQUELINE OLIVEIRA DOS SANTOS

**INDISCIPLINA ESCOLAR: O OLHAR DE PROFESSORAS DE UMA  
ESCOLA MUNICIPAL DO DISTRITO DE MORORÓ**

JOÃO PESSOA – PB  
2019

**JOSEFA JAQUELINE OLIVEIRA DOS SANTOS**

**INDISCIPLINA ESCOLAR: O OLHAR DE PROFESSORAS DE UMA  
ESCOLA MUNICIPAL DO DISTRITO DE MORORÓ**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado à Coordenação do Curso de Licenciatura Plena em Pedagogia na Modalidade à Distância, do Centro de Educação da Universidade Federal da Paraíba, como requisito institucional para obtenção do título de Licenciada em Pedagogia.

Orientadora: Prof<sup>a</sup>. Dr<sup>a</sup>. Idelsuite de Sousa Lima

**Catálogo na publicação**  
**Seção de Catálogo e Classificação**

S237i Santos, Josefa Jaqueline Oliveira Dos.  
INDISCIPLINA ESCOLAR: O olhar de professora de uma  
Escola Municipal do Distrito de Mororó / Josefa  
Jaqueline Oliveira Dos Santos. - João Pessoa, 2019.  
44 f. : il.

Orientação: Prof Dra Idelsuite de Sousa Lima.  
Monografia (Graduação) - UFPB/CE.

1. Indisciplina. 2. Professoras. 3. Punição. 4.  
Mediação. 5. Carência de formação. I. Lima, Prof Dra  
Idelsuite de Sousa. II. Título.

UFPB/BC

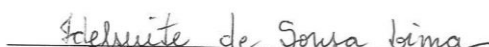
JOSEFA JAQUELINE OLIVEIRA DOS SANTOS


**INDISCIPLINA ESCOLAR: O OLHAR DE PROFESSORAS DE UMA ESCOLA  
MUNICIPAL DO DISTRITO DE MORORÓ.**

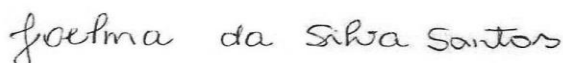
Trabalho de Conclusão de Curso apresentado à  
Coordenação do Curso de Licenciatura Plena  
em Pedagogia na Modalidade à Distância, do  
Centro de Educação da Universidade Federal  
da Paraíba, como requisito institucional para  
obtenção do título de Licenciada em  
Pedagogia.

Aprovado em 04/06/2019

BANCA EXAMINADORA

  
Profª Drª Idelsuite de Sousa Lima  
(Orientadora)

  
Profª Ms. Sawana Araújo Lopes de Souza  
(Examinadora)

  
Profª Drª Joelma da Silva Santos  
(Examinadora)

*“Tudo tem seu tempo determinado, e há tempo para todo  
propósito debaixo do céu”*

(Eclesiastes 3:1)

## **AGRADECIMENTOS**

Em primeiro lugar, agradeço ao meu Deus que me sustentado todos os dias de minha vida, e principalmente durante todos esses anos de estudo.

Ao meu pai e minha mãe que sempre estiveram presentes, dando força e confiança durante todo esse percurso, e que ajudaram a cuidar do meu filho em minha ausência.

Ao meu esposo Júnior por ser companheiro, compreensivo e motivador.

Ao meu filho João Pedro que é a razão da minha vida, a maior benção que Deus me concedeu.

Ao meu irmão Jackson que presenciou todo meu esforço e ajudou também a cuidar do meu filho em minha ausência.

À minha orientadora Dra. Idelsuite de Sousa Lima pela sua competência, e responsabilidade.

Aos meus familiares em geral por acreditarem que eu conseguiria.

Ao meu Pastor e irmãos em Cristo que oraram por mim quando passei por momentos difíceis. “Tudo tem seu tempo determinado, e há tempo para todo propósito debaixo do céu” (Eclesiastes 3:1).

**RESUMO:** Esta pesquisa aborda a indisciplina escolar, uma temática que tem se constituído em uma das principais preocupações das escolas. A pesquisa teve como objetivo analisar a concepção das professoras sobre a indisciplina na escola, buscando compreender as estratégias adotadas por estas para enfrentarem essa questão que incomoda o andamento das aulas. Os autores que respaldam a pesquisa são: Tiba (2006), Aquino (1996), Alves (2006). A abordagem metodológica é qualitativa através de pesquisa de campo. Foi utilizado como instrumento de coleta de dados o questionário composto por 10 questões abertas. Os sujeitos da pesquisa foram quatro professoras dos Anos Iniciais do Ensino Fundamental de uma escola do Distrito de Mororó, município de Barra de Santana-PB. Os resultados indicam que a indisciplina é algo ainda muito presente na sala de aula, mas isto não tem mobilizado a escola e os professores a estudarem esta temática em suas formações continuadas. As professoras não vinculam a indisciplina com a dinâmica da sala de aula, ainda que considerem as aulas um pouco tradicionais. Atribuem aos alunos a responsabilidade pela indisciplina e não ocupam os alunos como forma de amenizar a indisciplina. As professoras desconhecem a inclusão da temática indisciplina no Projeto Político Pedagógico da escola. Conclui-se que a indisciplina ainda não é objeto de estudo do corpo docente e talvez, por isso, ocupe um espaço significativo na sala de aula.

**Palavras-chave:** Indisciplina; Professoras; Punição; Mediação; Carência de formação.

**ABSTRACT:** This research approaches the school indiscipline, a theme that has been one of the schools' main worries. The research had as its goals the analysis of the teachers' conceptions about school indiscipline, aiming to comprehend the strategies adopted by them to face head-on this question that hampers the classes' progress. The authors that back up the research are: Tiba (2006), Aquino (1996) and Alves (2006). The methodological approach is qualitative through field research. It was used as collection instrument a questionnaire comprised of open questions. The research's subjects were four Early Years Grade School teachers of a school in the District of Mororó, a municipality from Barra de Santana, Paraíba. The results indicate that indiscipline is something that persists in the classroom, but this has not pressed the school and teachers to study this thematic in continued training. The teachers do not link the indiscipline to classroom dynamics, even though they consider lessons to be somewhat traditional. They attribute the responsibility for the indiscipline to the students and do not occupy the students as a way to ease the indiscipline. The teachers do not know the inclusion of the indiscipline thematic in the school's Political-Pedagogical Project. It is concluded that indiscipline still isn't a subject of study for the teaching staff and maybe, because of that, it takes up a significant space in the classroom.

**Keywords:** Indiscipline; Teachers; Punishment; Mediation; Lack of formation.



## SUMÁRIO

<b>1. INTRODUÇÃO .....</b>	<b>10</b>
<b>2. A INDISCIPLINA ESCOLAR E SEUS FUNDAMENTOS .....</b>	<b>14</b>
2.1. FATORES QUE CONTRIBUEM PARA INDISCIPLINA ESCOLAR .....	21
2.2. A FAMÍLIA E A RELAÇÃO COM A INDISCIPLINA ESCOLAR .....	22
<b>3. METODOLOGIA.....</b>	<b>25</b>
<b>4. CONCEPÇÃO DE PROFESSORAS SOBRE A INDISCIPLINA ESCOLAR .....</b>	<b>27</b>
<b>5. CONSIDERAÇÕES FINAIS .....</b>	<b>40</b>
<b>6. REFERENCIAS .....</b>	<b>42</b>
<b>7. ANEXO.....</b>	<b>44</b>

## 1. INTRODUÇÃO

Este trabalho trata da indisciplina escolar. Essa temática tem sido uma das maiores dificuldades encontradas por professores na realização do trabalho com os alunos. Uma turma indisciplina implica na impossibilidade da condução da aula e dificuldade de ministrar os conteúdos.

Diariamente os professores se deparam com situações de indisciplina no ambiente escolar causando, desta forma, complicações no processo de ensino e aprendizagem, seja por meio de atitudes de mau comportamento ou até mesmo pela violência verbal.

A indisciplina representa a inversão do conjunto de comportamentos considerados convencionais no que se refere respeito ao professor e aos colegas em sala de aula. Pode-se citar como possíveis causas da indisciplina na sala de aula a falta de motivação do aluno, a ausência de um conjunto de regras disciplinares tais como: combinados acerca do que pode e o que não fazer durante a aula, planejamento de situações em que os alunos possam interagir uns com os outros e com o professor ou a falta de autoridade do professor, etc.

Grosso modo, a indisciplina tornou-se um “obstáculo” no trabalho pedagógico, ocasionando um desgaste profissional e influenciando negativamente no andamento da aula. Diante das circunstâncias os professores tentam vários meios para controlar a turma, tais como: planejam aulas envolvendo o lúdico, dão oportunidade para que haja interação entre os próprios alunos, abordam assuntos do meio social, chamam a atenção quando necessário, explicam que o mal comportamento está atrapalhando o raciocínio dos colegas e até mesmo do professor em si.

E pode haver momentos em o professor, depois de ter tentado várias alternativas, peça para que o aluno saia da sala de aula. Essa é uma situação extrema que envolve todo corpo administrativo de escola e a família do aluno.

Durante os Estágios Supervisionados, componentes curriculares que compõem o curso de Pedagogia, juntamente com a experiência profissional que já obtive, o que impressionou e despertou por este tema foi ter vivido momentos muito difíceis com a turma do 4º ano em uma escola municipal, uma turma com alunos indisciplinados.

Ao que fui informada, essa situação vem se repetindo já há alguns anos, de modo que praticamente todos os professores consideram que os alunos são muito

indisciplinados. Afirmam que os alunos não querem estudar, não respeitam professores, criam conflitos por bobagens, tiram a atenção e concentração dos que querem aprender. O acúmulo desses agravantes faz com que os professores reclamem e digam que não sabem como agir, como colocar ordem para promover a aprendizagem.

Foi possível observar que a escola consegue identificar o problema, mas em alguns casos não apresenta estratégias eficazes para bons resultados. Há uma busca pelos culpados pela desordem da aula e do ambiente escolar. Os professores ocupam grande parte do tempo da aula com a indisciplina dos alunos. Tempo esse que poderia ser aproveitado para tirar dúvidas, aprofundar conteúdos, realizar o ensino.

A sala de aula não é um lugar onde os alunos tem que ficar calados do começo ao fim, mas é necessário existir o respeito, ordenança na hora de ouvir e falar, para que todos possam argumentar e ser ouvidos.

Por sua vez, o ambiente em que a criança vive fora da escola também pode ser causador desse mau comportamento. Muitos pais na correria do dia a dia não conseguem dar a devida atenção aos filhos, seja com relação a carinho ou a imposição de limites. Essa falta de limites reflete em sala de aula, repercute na aprendizagem dos alunos e da turma e, conseqüentemente, afeta o professor. Com pais cada vez menos afetivos e, vivendo intensamente para o mundo do trabalho, estão transferindo a responsabilidade da formação dos filhos para a escola.

Não há dúvida que os alunos passam por momentos difíceis na convivência doméstica e escolar. Cada fase da criança tem seus desafios e uma certa resistência causados por uma série de mudanças na arte de educar, tais como: regras para conviver em sociedade que envolve respeito ao próximo, por exemplo. Cada criança é educada por famílias, e/ou culturas diferentes, e quando se juntam, na escola, para o processo de escolarização vêm os conflitos.

O distrito de Mororó pertence ao município de Barra de Santana, localizado no Cariri Paraibano. É uma localidade pequena com difícil acesso a uma cidade de maior porte. Muitas famílias não tiveram acesso ao conhecimento letrado. Até poucos anos atrás dificilmente um jovem conclua o Ensino Médio e ingressava numa Universidade. Muitos aceitavam a “vida” que seus pais tiveram e tem e, outros não tinham condições financeiras e nem apoio para seguir em frente. De modo geral, as pessoas não têm

contato mais aproximado com espaços outros formativos, ambientes culturais, instituições de Ensino Superior para valorização desses saberes.

Em minha experiência já presenciei inúmeras situações em reuniões de pais, professores e direção e, até mesmo ministrando aulas, escutei depoimentos como: “estudar pra quê? se depois casa e vai ser dona de casa, vai costurar roupas pra Santa Cruz e ganhar pouco!” ou “meu filho só vai pra escola porque obrigo, senão meu Bolsa Família vai ser cortado!”. Outros desabafos, como: “Meu filho(a) foi pra escola, graças a Deus, só assim tenho sossego”. São raros os pais que valorizam de verdade a ida de seus filhos para escola, para assim terem um futuro melhor.

Essa falta de apoio de alguns pais soma-se ao pouco cuidado em orientar os filhos para aprenderem a respeitar os professores na escola. A indisciplina escolar é uma das maiores preocupações que os profissionais da Escola municipal do distrito de Mororó dizem enfrentar. É visto como um problema social que vem se agravando e dificultando a relação professor-aluno e, conseqüentemente, a aprendizagem do aluno.

Os professores parecem desinteressados em planejar as aulas, pois sabem do público que atendem e por haver alunos com mau comportamento e não prestarem atenção nas aulas. Outros são prejudicados pelos alunos indisciplinados, outros não têm o apoio e ajuda da família na realização das tarefas de casa, e/ou não são cobrados tempo de dedicação de estudo em casa. Afinal, a criança passa quatro horas na escola e o restante do tempo com seus familiares ou em outros locais.

Em virtude desses fatos, a presente pesquisa busca responder a seguinte questão: qual a concepção dos professores sobre indisciplina escolar?

Para isso, estabelece como objetivo geral:

- Analisar a visão das professoras sobre a indisciplina escolar.

E objetivos específicos:

- Compreender o entendimento dos professores sobre indisciplina escolar.
- Verificar estratégias usadas pelos professores em sala de aula para lidar com a indisciplina.
- Identificar ações da escola para o enfrentamento da indisciplina dos alunos.

Realizar esta pesquisa torna-se importante pelo fato de que ajudará ao leitor a compreender como os professores lidam com a indisciplina, quais estratégias utilizadas pelos professores para a realização das aulas.

Esta investigação poderá contribuir para a escola repensar sobre as ações e estratégias utilizadas ao longo dos anos, o que surtiu efeito ou não.

Particularmente, realizar esta pesquisa constitui um aprendizado em potencial para buscar saídas para a convivência com os alunos, para realizar melhor o ensino em sala de aula, como professora.

## 2. A INDISCIPLINA ESCOLAR E SEUS FUNDAMENTOS

A indisciplina escolar é um dos assuntos mais comentado no meio escolar e tem sido definido como uma das principais preocupações pedagógicas. Esse é um problema que necessita ser estudado com mais complexidade, uma vez que, por se tratar de um período onde os processos cognitivos, morais e sociais do aluno ainda estão em desenvolvimento, se torna importante estudar conceitos e fatores que estão associados à sua existência.

Este trabalho toma como base os trabalhos de Tiba (2006) que afirma que a disciplina pode ser retratada como “o conjunto de regras éticas utilizadas para atingir um objetivo” (TIBA, 2006, p. 170). Nesse sentido, é possível compreender que essa ética é dada como um modo utilizado pelo ser humano como forma de preservar o respeito e o bem-estar social.

A disciplina é dada como um “comportamento regido através de um conjunto de normas, ou seja, regras que definem ações de seus cotidianos” (TAILLE, 1996, p. 10). Dessa forma, a indisciplina pode ser associada a dois fatores: a revolta contra essas normas e o desconhecimento delas.

Para analisar a indisciplina é necessário entender o seu significado e não apenas explicar de forma sintética a sua existência. Para compreender um assunto que é amplamente discutido em vários níveis de estudos, é necessário entender as diferentes causas de sua existência, o motivo de ter um aumento significativo ao longo dos anos e os fenômenos intrínsecos ao assunto (ZANDONATO, 2004).

Um ato disciplinar pode ser compreendido de maneira diferente referindo-se aos sujeitos de um ambiente escolar. Este deve ser entendido e respeitada por ambas as partes em um conjunto de professores e alunos. Sobre essa questão, Wallon (1979) afirma que:

A disciplina pode ser entendida diferentemente, segundo a tarefa do mestre é considerada como de puro ensino ou de educação e segundo o aluno é considerado como uma simples inteligência a guarnecer de conhecimento ou como um ser a formar para a vida (WALLON, 1979, p. 367).

A disciplina é um comportamento em que os professores devem apelar para educação pura e simples, como forma de desenvolver os processos morais dos alunos, uma vez que é entendido que é o ensino que pode trazer valores para os

alunos. De modo geral, a disciplina é algo que precisa ser aprendido, guardado e aplicado no decorrer de suas vidas, no desenvolvimento como cidadãos diante da sociedade.

A relação escolar que deve ser obedecida tanto por professores como por alunos para a formação de um comportamento disciplinar. Dessa forma, Tiba (2006) afirma que:

A disciplina escolar é um conjunto de regras que devem ser obedecidas tanto pelos professores quanto pelos alunos para que o aprendizado escolar tenha êxito. Portanto, é uma qualidade de relacionamento humano entre o corpo docente e os alunos em uma sala de aula e, conseqüentemente, na escola. Como em qualquer relacionamento humano, na disciplina é preciso levar em consideração as características de cada um dos envolvidos no caso: professor e aluno, além das características do ambiente (TIBA, 2006, p. 115).

Dentro do ambiente escolar é necessário que todo o regimento seja levado a sério por todos aqueles que o compõem. Isso se dá pelo fato de que os professores estão naquele momento, retratados como figura de respeito, e sua relação com os alunos é crucial para o desenvolvimento da disciplina escolar. A escola é um local de diferenças e é também um local de formação, portanto, é necessário que os professores tenham conhecimento de suas responsabilidades enquanto formadores de pessoas, dando o devido respeito para a diversidade do ambiente a qual ela está inserida.

É possível compreender que a disciplina tem papel importante na formação e educação de alunos, uma vez que ela está diretamente ligada com o êxito escolar, ou seja, o aprendizado está diretamente ligado com a capacidade de ser obedecida a relação de disciplina entre os professores e os alunos.

É importante verificar também, que por se tratar de um relacionamento interpessoal a disciplina deve ser compreendida internamente, observando que os diferentes contextos devem ser analisados para que se possa obter um bom relacionamento. Isso parte então, para o pressuposto de que a indisciplina não pode ser um objeto de estudo que deva ser tratado de maneira geral, e sim observado através de diferentes contextos sociais.

Dessa forma, Tiba (2006) afirma que “a maior dificuldade encontra para estudar é a falta de motivação. Estudar para quê? Para passar de ano? Para ganhar presente? Para ter sabedoria? Para os pais não “pegarem no pé?” (TIBA, 2006, p. 117). De

acordo com Tiba (2006), a falta de disciplina em sala de aula é um fator que pode afetar de forma abrangente a vida escolar do aluno, uma vez que ela é responsável por causar conflitos, falta de atenção, desinteresse e, conseqüentemente, o baixo rendimento escolar.

Essas causas aos alunos afetam também os professores, uma vez que, não sabendo como lidar com as situações até então impostas, eles se vêem em uma obrigação de impor medidas corretivas, como é reforçado por Alves (2006) afirmando que “a fonte do controle se faz poder por toda parte, em todas as relações, o que tem também visíveis efeitos repressivos” (ALVES, 2006, p. 41).

Dessa forma, é necessário ter o conhecimento de que, quando um profissional, o professor tem o papel de se comportar como um coordenador de um grupo de alunos, portanto, se faz necessário ter o conhecimento de dinâmicas controle da situação para poder ter o bom relacionamento com os alunos, bem como, a autoridade de um coordenador.

Essa ideia é reforçada por Tiba (2006), em que segundo ele, “na função de coordenador de alunos, o professor tem que identificar as dificuldades existentes na classe para poder dar um bom andamento à aula” (TIBA, 2006, p. 116).

Dessa forma, é possível ter o entendimento de que a organização da sala de aula pelo professor é dada através de uma relação de poder. Esse assunto é geralmente retratado por alguns autores que baseiam seus estudos através de Foucault para refletir sobre a indisciplina. A compreensão da palavra poder é extremamente importante, uma vez que, para Foucault, poder é designado como uma ação, um verbo, ou seja, tem uma relação de forças associada ao sentido dessa palavra e não deve ser retratada como uma coisa, ou algo que se é obtido em detrimento de outra (FOUCAULT, 1977 apud GUIRADO, 1996).

Sendo assim, o poder é dado enquanto uma relação de forças rotativas, como um fator preponderante na constituição de relações pessoais, seja ela uma relação social ou discursiva. Sobre esta questão Guirado (1996) afirma que:

Poder é exercício regional de forças, sempre móveis e mutáveis, do interior das relações que se estabelecem, e não algo que acontece de cima para baixo, por vigência de lei, de regimento ou de cargo. É tensão constante no dia-a-dia, e não emanações de “grupos no poder”, como ouvimos dizer com frequência (GUIRADO, 1996, p. 60).



Sendo assim, é importante compreender que o estudo do poder é um fator que merece ser dado uma relevância para a compreensão da indisciplina. Nesse contexto, o poder disciplinar não está necessariamente ligado a uma lei, um cargo ou a um regimento. Esse poder está associado ao respeito que normalmente é aprendido e vai se desenvolvendo no cotidiano. Ou seja, as relações diárias, como o afeto, são as responsáveis por definir e caracterizar esse poder.

Como forma de complementar a ideia da inserção da utilização do poder, partindo de um ambiente escolar, esse poder disciplinar é dado através de ferramentas como a vigilância, a imposição de regras e a combinação das duas através do relacionamento dos professores com os alunos. Segundo Alves (2006):

Não há necessidade de força bruta, nem de castigos, os comportamentos são registrados ou observados, todos ficam sob o controle do olhar, tanto observados, quanto observadores. A vigilância acontece constante e ininterruptamente e exerce por si só o efeito normalizado da ação (ALVES, 2006, p. 41).

É dessa forma que a vigilância se torna um importante agente na execução de um poder disciplinar. O professor é uma figura que apresenta uma posição de destaque no ambiente escolar. A disposição espacial da sala de aula, normalmente, permite que ele possa visualizar os comportamentos indisciplinados (ALVES, 2006).

De forma análoga, a imposição de penalizações pode ser utilizada como fonte de controle no poder disciplinar. Guirado (1996) afirma que “a disciplinarização é da ordem do próprio exercício, do próprio fazer; mais especificamente de sua repetição à exaustão” (GUIRADO, 1996, p. 65), ou seja, a vigilância dos alunos em ver a atribuição de penalizações por um ato de indisciplina, faz com que essa fonte de controle se torne, progressivamente, auto controlada.

Nesse contexto, é possível afirmar que a relação entre o poder e a indisciplina é justificada pelo fato de que a indisciplina pode ser utilizada tanto quanto um mecanismo de combate, como a própria fonte que deseja ser combatida. Além disso, ela pode ser interpretada como uma consequência de uma má administração do poder.

Sobre a questão da autoridade, ou seja, do poder associado com o comportamento disciplinar do aluno, é possível encontrar ideias contrárias das

definidas por Guirado (1996) em relação a implantação de uma vigilância associada com o poder disciplinar.

Alguns autores partem do pressuposto de que para a formação de uma educação estruturada de forma ideal, é necessário que a disciplina seja algo que venha naturalmente. Porém, ainda nesse contexto, para obtenção de um ambiente calmo e controlado se faz necessário que o respeito esteja empregado, não só por parte do aluno como também pelo professor (TEIXEIRA, 2010). Dessa forma, Vasconcellos (1997) afirma que:

Sem autoridade não se faz educação; o aluno precisa dela, seja para se orientar, seja para poder opor-se (conflito com a autoridade é normal especialmente no adolescente), no processo de constituição de sua personalidade. O que se critica é o autoritarismo, que é a negação da verdadeira autoridade, pois baseia-se na coisificação, na domesticação do outro (VASCONCELLOS, 1997, p. 248).

Vasconcellos colabora com a ideia de que é necessário sim a autoridade, mas que seja feita de forma que se tenha o respeito envolvido e não apenas uma autoridade em que o aluno tenha o medo associado a questão do comportamento disciplinar. A aprendizagem da disciplina é um processo que deve ser dado de forma eficaz e tranquila, através de atitudes tolerantes e com a aceitação do outro.

Assim como os demais autores até então estudados, outra referência teórica referente à indisciplina que considera que a existência de um comportamento indisciplinado está diretamente associada na relação entre o professor e o aluno é a de Júlio Aquino (1996) que afirma que a “indisciplina pode ser retratada tanto como uma diretriz como um fator mediador” (AQUINO, 1996, p. s/p).

Dessa forma, é possível entender que a relação com o professor é dada de forma crucial no entendimento da indisciplina, isso é dado pois é através dele que atividades que desenvolvam a disciplina possam ser instauradas dentro de um ambiente escolar, uma vez que quando é visualizado atos indisciplinares é sua função agir de forma corretiva. Aquino (1996) afirma que:

O ensino teria como um de seus obstáculos centrais a conduta desordenada dos alunos, traduzida como: bagunça, tumulto, falta de limite, maus comportamentos, desrespeito às figuras de autoridade etc. (AQUINO, 1996, p. 82).

O ensino dentro de um ambiente escolar está além de uma simples explicação acerca de uma matéria, nesse contexto, a disciplina é uma ferramenta que deve ser entendida e aplicada dentro da sala de aula, a fim de se evitar balbúrdias e que naquele local seja reconhecido o respeito mútuo entre professor e alunos.

Aquino (1996) afirma que a falta de disciplina está atrelada com a dificuldade de se obter excelência no ensino, ou seja, os maus comportamentos fazem com que o desempenho escolar seja falho. Com isso, se torna importante entender que o comportamento indisciplinar não é apenas prejudicial para questões sociais e morais, como também no desenvolvimento escolar do aluno.

Nesse ponto, Alves (2006) retrata que “o que estaria acontecendo com as práticas escolares a ponto de a indisciplina tornar-se um obstáculo propriamente pedagógico? O mundo mudou. A escola também mudou” (ALVES, 2006, p. 58). Fica evidente a necessidade de adaptação da escola em relação aos contextos envolvidos, a fim de se ter o melhor acompanhamento do processo escolar.

Dessa forma, é possível verificar que alguns educadores colocam a indisciplina como um problema derivado da pobreza e da violência impulsionada através dos avanços dos meios de comunicação. Onde os alunos se tornam reflexo de uma sociedade injusta e violenta o que acarreta em uma escola que é vítima de alunos que não são adequados para a instituição (TEIXEIRA, 2010).

Porém, esse problema também é tratado como sendo culpa da educação dada pela família, ou até mesmo da própria instituição escolar. Por parte do aluno, as reclamações são referentes ao sistema escolar. Dessa forma, Aquino (1996) afirma que:

Reclamam do autoritarismo, da qualidade das aulas, da maneira que os horários e os espaços são organizados, do pouco tempo de recreio, da quantidade de matérias incompreensíveis, pouco significativas e desinteressantes, da aspereza de determinado professor, do espontaneísmo de outro, da falta de clareza dos educadores, das aulas monótonas, da obrigação de permanecer horas sentados, da escassez de materiais e propostas desafiadoras, da ausência de regras claras, etc. (AQUINO, 1996, p. 90).

Nesse contexto, é necessário entender que o comportamento do professor em sala de aula deve ser analisado. A forma com que o assunto é abordado deve ser revisto, além do autoritarismo como forma de medida disciplinar. É possível verificar

que há uma falta de interesse por parte do aluno que é intensificada pela maneira com o qual o professor transmite seus conhecimentos.

Dessa forma, há todo um contexto associado ao comportamento indisciplinar por parte dos alunos, em que o próprio sistema escolar é responsável por, de certa forma, ascender o desejo da indisciplina. Outro fato associado a isso está ligado ao fato de que a disciplina muitas vezes é tratada como uma tirania, em que o ato de disciplinar um aluno pode ser confundido como uma opressão, enquadramento e humilhação.

Assim como as atividades em sociedade necessitam de uma orientação através de regras para um bom convívio social para que seu sistema funcione de forma eficiente, a escola, partindo do princípio que é uma instituição e que nela estão presentes cidadãos em formação, precisa que seus membros sejam direcionados por normas e diretrizes. Porém, esses fatores podem acabar por despertar nos alunos a vontade de se libertar desses padrões institucionalizados (TEIXEIRA, 2010).

Sendo assim, para este autor o docente tem uma função muito importante nesse processo disciplinar do aluno. Ele é o responsável por estabelecer e aplicar normas que se adequem de forma harmoniosa e pacífica dentro da sala de aula. Isso deve ser feito de modo positivo, ou seja, o aluno não pode ter a imagem de que o cumprimento da regra é dado como algo ruim e tedioso e sim como algo benéfico para a sua vida, ajudando na sua formação social e escolar. Essa ideia é reforçada por Taille (1996), que afirma que:

Crianças precisam sim aderir a regras (que implicam valores e formas de conduta) e estes somente podem vir de seus educadores, pais ou professores. Os limites implicados por estas regras não devem ser apenas interpretados no seu sentido negativo; o que não pode ser feito ou ultrapassado. Devem também ser entendidos no seu sentido positivo: o limite situa, dá consciência de posição ocupada dentro de algum espaço social – a família, a escola, a sociedade como um todo (TAILLE, 1996, p. 09).

Essa afirmação reforça ainda mais a ideia de que a indisciplina deve ser retratada dentro de um contexto social, sendo observados todos os fatores que influem para o seu processo, uma vez que, mesmo como crianças ou adolescentes, esses alunos estão inseridos dentro de um ambiente escolar que tem forte influência sobre sua formação, estão inseridos em grupo familiar, onde terão as primeiras orientações sobre comportamentos e as primeiras etapas do processo da educação,

e tem também a sua inserção em uma sociedade. Esses três pilares para o indivíduo são de grande importância para o processo de formação de processos cognitivos, sociais e morais.

## **2.1. FATORES QUE CONTRIBUEM PARA INDISCIPLINA ESCOLAR**

Para o melhor entendimento da problemática associada com a indisciplina em um ambiente escolar é necessário entender os fatores que afetam o comportamento indisciplinar. Segundo Tiba (2006), Aquino (1996) e Vasconcellos (1995), a indisciplina é um problema que está diretamente ligada com a sociedade, a família, o professor e o aluno.

Ao ser analisado os assuntos referentes aos fatores que influem para o aparecimento e o desenvolvimento de um ato indisciplinar é visto também a forma com a qual essa problemática pode ser corrigida. Ou seja, se faz necessário reconhecer as fontes de indisciplina para que possa ser trabalhada a questão da obediência de regras e normas dentro de um ambiente escolar. Vasconcellos (2004) afirma que:

O problema da (in)disciplina, com certeza diz respeito ao professor, mas também ao aluno. E mais que isto, dada a sua complexidade, envolve também outras frentes: instituição, comunidade, sistema de ensino e sistema social (VASCONCELLOS, 2004, p. 169).

São encontradas diversas situações e causas que se entrelaçam para o surgimento da indisciplina. A comunidade, por ser um ambiente ao qual o aluno está inserido é de extrema importância, bem como o seu sistema social. A instituição também é verificada, pois lá é um ambiente em que a disciplina é desenvolvida e é um local que o aluno passa boa parte de sua vida, se mostrando como um importante fator.

Segundo Teixeira (2010), é necessário que todos os sujeitos ligados nesse assunto tenham conhecimento da situação, que podem ser devido a pais que trabalham muito e deixam a responsabilidade para a escola, pela escola que reclama do mau comportamento e não age sobre esse problema, a falta de limites e, principalmente, a falta de regras impostas pelos pais e pela escola.

## 2.2. A FAMÍLIA E A RELAÇÃO COM A INDISCIPLINA ESCOLAR

O núcleo familiar é um dos principais fatores que influenciam na indisciplina escolar. Teixeira (2010) afirma que “a este ambiente estão relacionados os mais diversos problemas de causa emocional, como separação dos pais, dificuldades de relacionamento, abandono de um ente muito querido, doenças, falecimentos, problemas financeiros” (TEIXEIRA, 2010, p. 24). Isso se dá pelo fato de que um ambiente familiar com problemas afeta diretamente a criança, que ao conviver com essa situação afeta diretamente o seu emocional.

Nesse ponto, vale destacar que o ambiente familiar é o primeiro ambiente de socialização ao qual o aluno é inserido como exemplificado por Mendonça (2010): “as atitudes dos pais, as práticas de criação e educação são aspectos que interferem no desenvolvimento individual e, conseqüentemente, influenciam o comportamento da criança na escola” (MENDONÇA, 2010, p. 16). Sendo assim, ele é responsável por exercer um papel crucial no desenvolvimento social e moral das crianças. E cada uma das experiências relacionadas como a pessoa são relevantes.

Dentro desse contexto, Rego (1996) retrata que é possível identificar três tipos de práticas educacionais, do qual os pais utilizam para que seja tratada a indisciplina, são eles: os pais autoritários; pais permissivos; e pais democráticos. Cada um desses pais age de uma forma diferente para poder implantar um sistema de regras e normas que sejam obedecidos pelos seus filhos.

Sendo assim, é possível identificar os “pais autoritários” como aqueles que têm a necessidade de impor suas regras e normas sem ver a necessidade de explicar aos seus filhos o motivo de serem obedecidos e o porquê de ela ser necessária. Normalmente, esses pais possuem um nível maior de rigorosidade fazendo com que seus filhos se sintam, muitas vezes pressionados.

Os chamados “pais autoritários” são aqueles pouco afetuosos e comunicativos, bastante rígidos, controladores e restritivos quanto ao nível de exigência para com seus filhos. Valorizam a obediência às normas preestabelecidas, sem se preocuparem em explicar às crianças as razões das imposições e sem consultá-las acerca do assunto (MENDONÇA, 2010, p. 16).

Por parte desses “pais autoritários” são impostas punições através de ameaças, castigos emocionais ou físicos, quando ocorre a transgressão das regras

ditadas. Geralmente, as crianças que apresentam esse tipo de educação familiar apresentam-se, em grande parte mais submissas.

Porém, esse tipo de imposição de regras pode causar certos transtornos sociais, tornando essas crianças mais tímidas, com baixa autoestima e autonomia. Nesse caso fica evidenciado que os valores da obediência e da disciplina não foram necessariamente interiorizados, uma vez que, os cumprimentos das regras não são reconhecidos pelas crianças por ser algo bom, mas sim pelo fato de receber alguma gratificação ou não receber uma punição.

Por outro lado, é possível analisar os “pais permissivos” como aqueles que não apresentam limites aos seus filhos, mesmo quando ocorre situações de conflito, teimosia ou “manha”. Isso faz com que haja a ausência de regras e normas no ambiente familiar, o que são fatores importantes para o desenvolvimento moral, uma vez que elas são capazes de nortear as ações do cotidiano de uma pessoa. Nesse contexto, Mendonça (2010) afirma que:

Os “pais permissivos” valorizam o diálogo, o afeto, interessam-se muito pela opinião da criança. São pais que têm enorme dificuldade em exercer algum tipo de controle sobre a criança e, por essa razão, são bastante tolerantes e até mesmo indulgentes em relação aos desejos, atitudes e impulsos infantis (MENDONÇA, 2010, p. 16).

Através dessas ideias demonstradas por Mendonça (2010), é possível verificar que os filhos de “pais permissivos” são aqueles que se apresentam com maior disposição e alegria do que aqueles que recebem uma criação mais autoritária, uma vez que os pais se comportam com maior displicência em relação a imposição de regras. É possível analisar também, que crianças com esse tipo de dinâmica familiar, em geral, são mais impulsivas e imaturas, muitas vezes não conseguem assumir de forma concreta as suas obrigações.

A terceira prática educacional que geralmente consegue associar as demais, é dada como uma forma de sintetizar as principais qualidades impostas tanto pelos pais autoritários quanto pelos pais permissivos. Ela consegue ter a imposição de regras associada com a interiorização moral que essas normas possuem.

Os “pais democráticos”, por sua vez, parecem conseguir um maior equilíbrio entre a necessidade de controlar e dirigir as ações infantis, de exigir seu amadurecimento e independência, e o respeito às necessidades, capacidades e sentimentos de seus filhos. Normalmente estimulam seus

filhos a dar opiniões, através de um diálogo coerente e equilibrado (MENDONÇA, 2010, p. 17).

Como analisado por Mendonça (2010) esses pais são aqueles que possuem a capacidade de dar flexibilidade e se esforçam para compreender o ponto de vista de seus filhos, ao mesmo tempo que conseguem estabelecer regras e limites, que são mantidas de forma consciente. Os “pais democráticos” são responsáveis por definir uma disciplina firme, diferente do que foi abordado pelos “pais autoritários”, é possível ter uma interiorização dos valores morais associados a disciplina aprendida no ambiente familiar. Isso acaba por possibilitar que as crianças que apresentam essa prática educacional possuam maior autocontrole, autoestima, iniciativa, autonomia e até mesmo facilidades de relacionamentos, uma vez que sua obediência a normas está associada a valores morais e não pelo temor a sanções externas.

Outro fator que deve ser analisado no contexto familiar é quando esse núcleo se apresenta falho e não tem o reconhecimento de que suas responsabilidades para o desenvolvimento dos processos morais e sociais das crianças. Geralmente são pais que dirigem à escola a tarefa de educar e ensinar, se ausentando de suas obrigações.

Há pais que, por pagar uma escola, acham que esta é responsável pela educação dos seus filhos. Quando a escola reclama de maus comportamentos ou das indisciplinas do aluno, os pais jogam a responsabilidade sobre a própria escola. Os pais, no entanto, estão sendo coniventes com a má educação dos filhos e não pensam que filho é para sempre, mas o aluno frequenta a escola por um período e depois dela se afasta. Todos os pais querem respeitar a individualidade de cada filho e basta pensar um pouco para perceber que não há condições, dentro de uma escola, de o aluno receber atenção especializada e educação individualizada (TIBA, 2006, p. 169-170).

Como é possível analisar pelo proposto por Tiba (2006), os pais que acabam por negligenciar a sua responsabilidade como educador e como formador de seres humanos, fazem com que os processos cognitivos, sociais e morais das crianças sejam prejudicadas. Isso é potencializado pelo fator de que os pais se vêm no direito de exigir que as vontades individuais de seus filhos sejam obedecidas. Porém, o ambiente escolar é dado através de um espaço social, onde deve ser adotada uma linha de conduta que promova a educação de forma igualitária para todos inseridos no contexto escolar.



### 3. METODOLOGIA

Para a realização desta pesquisa, optei por uma abordagem de natureza qualitativa. Minayo (1994) afirma que: “a pesquisa qualitativa responde a questões muito particulares. Ela se preocupa, nas ciências sociais, com um nível de realidade que não pode ser quantificado” (MINAYO, 1994, p. 21).

A pesquisa de campo classificada como qualitativa/exploratória é usada para investigar e busca as informações diretamente com a população pesquisa.

A pesquisa foi realizada em uma escola municipal localizada no Distrito de Mororó, zona rural de Barra de Santana. A escola é dividida em dois prédios, um possui 4 salas de aula, 1 banheiro feminino e outro masculino e 1 sala da secretaria, estudam as turmas do Infantil II ao 3º ano no turno da manhã. No outro prédio (antiga creche municipal) contém as turmas do maternal e infantil I também no turno da manhã, neste mesmo prédio no turno da tarde estudando o 4º e 5º ano do Fundamental I. Possui 1 cozinha, 1 banheiro feminino e outro masculino, 1 banheiro pra os funcionários da instituição, 1 sala da direção, 1 sala de AEE, 1 sala da informática onde os professores fazem uso na hora do intervalo para lanche.

O instrumento de coleta de dados para a realização da pesquisa foi o questionário. Segundo Brennand (2012), este tipo de instrumento “tanto se aplica no momento de estruturação do instrumento de coleta de dados (questionários), quanto na fase da tabulação, descrição e análise dos resultados” (BRENNAND, 2012, p. 175).

O questionário foi composto por dez questões abertas relacionadas ao tema “Indisciplina escolar”. A princípio teve uma conversa com a diretora escolar, em seguida com as professoras do turno da manhã, na hora do intervalo explicando meu objetivo de pesquisa, marcamos um horário em que elas pudessem responder.

Os participantes da pesquisa foram professores do 1º ao 4º do Ensino Fundamental I de uma escola municipal. As professoras do 1º ano, 2º ano e 4º ano possuem formação de Licenciatura em Pedagogia, e a professora do 3º ano possui curso de Licenciatura em Matemática e tem formação em curso Normal Pedagógico, em nível médio. Todas têm no mínimo 20 anos de experiência profissional.

A aplicação do questionário foi feita da seguinte forma: com duas professoras foi marcado um horário em suas residências. Apresentei o formulário e elas responderam e entregaram de volta. O tempo gasto por cada uma foi em torno de 30

minutos. Já com uma outra professora, marquei um horário depois do expediente de trabalho da parte da tarde. Ela respondeu e devolveu em seguida. O tempo gasto também foi em torno de 30 minutos. A outra professora, por não residir em Mororó, respondeu o questionário na hora do intervalo.

Essas profissionais foram escolhidas pelo fato de fazerem parte do quadro de professores da escola pesquisada.

Após a aplicação do questionário foi feita a tabulação dos dados. As respostas foram organizadas em tabelas e sistematizadas. Foi feita uma leitura temática tentando agrupar aqueles temas que mais se repetiam e agrupando respostas para serem analisadas com base no referencial estudado.

#### 4. CONCEPÇÃO DE PROFESSORAS SOBRE A INDISCIPLINA ESCOLAR

Este capítulo aborda uma tentativa de análise sobre a concepção das professoras em relação à indisciplina escolar. Os resultados aqui apresentados foram captados através de questionário respondido por professoras dos Anos Iniciais do Ensino Fundamental I.

Para garantir o anonimato das participantes da pesquisa, as respostas foram identificadas como P1, P2, P3, P4<sup>1</sup>.

Ao perguntar às professoras como elas consideram as suas aulas, as respostas foram as seguintes:

**Quadro 1** - Como você considera que são suas aulas?

P1	Procuro atender e sanar as dificuldades dos alunos com atividades de leitura, escrita, jogos, brincadeiras e roda de conversa.
P2	Regular
P3	Procuro dinamizar os conteúdos e contextualizar o mais que posso. Tenho uma rotina permanente para nortear o trabalho e disciplinar os alunos, pois os mesmos têm dificuldades em respeitar o tempo e o espaço do outro que estão inseridos. Aproveito os conhecimentos prévios dos alunos para adentrar no tema a ser trabalhado. O aluno é instigado a se emancipar enquanto sujeito que sente e pensa o mundo.
P4	Um pouco tradicional, pela exposição das cadeiras dispostas em fileira, e pela explanação dos conteúdos serem em aulas expositivas.

Fonte: Dados da Pesquisa – 2019

Nas respostas obtidas há uma certa semelhança na pretensão de responder o que foi perguntado, no sentido de indicar a sistemática de sala de aula. As respostas da P1 e P3 ainda que não tenham dito como consideram suas aulas, mas afirmaram que procuram sanar dificuldades dos alunos com atividades, tentando mantê-los envolvidos, ao dinamizar os conteúdos e contextualizar.

Ainda que dinamizar e contextualizar sejam imprescindíveis na sala de aula, a P3 é incisiva ao afirmar que tem “uma rotina permanente para nortear o trabalho e disciplinar os alunos”, tendo em vista a dificuldade destes em respeitar o tempo e os espaços. A resposta evidencia uma preocupação em “disciplinar os alunos”, indicando ser esta ação mais específica do que a própria ministração da aula. A afirmação de que os alunos apresentam dificuldade em respeitar o tempo e o espaço soa como um

<sup>1</sup> Essa denominação não tem nenhuma relação com o Ano escolar que a professora ministra, isto é, P1 não se refere à professora do 1º ano, por exemplo.

desafio para esta professora que elege esse fato e não outro para indicar como são as suas aulas. De acordo com a resposta, o disciplinar do aluno está mais em evidência do que a forma como é ministrada a aula.

Por sua vez a professora P2 afirma que suas aulas podem ser consideradas como sendo “regular”, a resposta da P4 diz que: “Um pouco tradicional, pela exposição das cadeiras dispostas em fileira, e pela explanação dos conteúdos serem em aulas expositivas.” A professora acredita que o fato de dispor as cadeiras em fileira e realizar aulas expositivas já é possível tipificar suas aulas como um pouco tradicional. Há nessas respostas uma afirmação de que as aulas poderiam ser de outra forma ou que, do modo como estão sendo realizadas, não podem ser consideradas muito instigantes ou plenamente desejáveis, ou ainda, que não atendem às suas intenções docentes.

Com essas respostas pode-se inferir que se as professoras não estão plenamente satisfeitas com suas aulas, os alunos por sua vez, também não devem gostar das mesmas. A realização de aulas dinâmicas desperta, no aluno, mais estímulo e mais interesse.

Tiba (2006) afirma que “o professor, qual um cozinheiro, deve preparar a aula preocupando-se também com sua palatabilidade” (TIBA, 2006, p. 34). O autor compara um professor ao cozinheiro e considera que uma comida sem gosto, sem tempero não desperta a vontade de comer. Assim, uma aula monótona não vai despertar interesse e nem curiosidade nos alunos. Isso pode consequentemente gerar indisciplina na turma.

O diálogo também é fundamental, além de cativar o aluno, o ambiente fica agradável e consequentemente há um resultado melhor na aprendizagem dos alunos. Sobre a questão do diálogo Freire (2005) afirma que:

O diálogo é uma exigência existencial. E, se ele é o encontro em que se solidarizam o refletir e o agir de seus sujeitos endereçados ao mundo a ser transformado e humanizado, não pode reduzir-se a um ato de depositar ideias de um sujeito no outro, nem tampouco torna-se simples troca ideias a serem consumidas pelos permutantes (FREIRE, 2005, p. 91).

Desta forma, o diálogo pode ser entendido na escola como a principal ferramenta para a mediação entre professor e aluno. É através dessa mediação que ocorre as correções necessárias para se ter evolução na afetividade entre as partes.

Na pergunta sobre as principais dificuldades para ministrar aulas, as professoras responderam o seguinte:

**Quadro 2** - Quais as principais dificuldades para ministrar aulas em sua turma?

P1	A principal dificuldade é a indisciplina. E com alunos que não adquirem as habilidades mínimas para a série/ano de estudo e mesmo assim avançam ao 3º ano sem nomear as letras do alfabeto.
P2	A falta de atenção dos alunos e a indisciplina.
P3	A indisciplina e a falta de limites.
P4	A principal dificuldade é a falta de concentração dos alunos, as conversas paralelas.

Fonte: Dados da Pesquisa - 2019

Todas as respostas indicam que a principal dificuldade encontrada é falta de disciplina, de limites e de concentração dos alunos. As respostas denunciam a situação de desconforto com o trabalho em sala de aula.

Comparando as respostas dessa questão com as da questão anterior é possível inferir que, se as próprias professoras não estão satisfeitas com suas aulas e as consideram como “regular” e “um pouco tradicional”, os alunos por sua vez, não terão motivo para se encantar com as aulas. Essa insatisfação dá margem a atitudes de indisciplina, dificultando a dinâmica das aulas.

Diante dessa situação, Tiba (2006) afirma que: “o professor deve ter muita criatividade para tornar sua aula apetitosa. Os temperos fundamentais são: alegria, bom humor, respeito humano e disciplina” (TIBA, 2006, p. 124). Desta forma, o próprio docente deve ser disciplinado no momento em que estiver ministrando a aula, deve ter criatividade e fazer uma correlação com momentos vividos pelos alunos.

Acerca disso, Tiba (2006) afirma que: “haverá interesse do aluno pelo conteúdo do programa escolar sempre que houver uma correlação entre este e o dia-a-dia do estudante. O professor sábio estabelece tal correlação” (TIBA, 2006, p. 125).

Nesse sentido, essa correlação pode ser feita pelo professor de modo a aproveitar a relação intermediária entre conteúdo e vivência para dinamizar a sala de aula. Assim, o aluno pode absorver com mais facilidade e consequentemente aprender melhor. Isso pode acontecer em situações problemas que envolvem raciocínio lógico, leitura e interpretação.

Além da indisciplina apontada como principal dificuldade para ministrar aulas, uma professora ainda citou o fato de os alunos do 3º ano não estarem alfabetizados. Diante de tal circunstância a professora e a escola precisam buscar saídas para a

alfabetização dos referidos alunos. Um aluno do 3º ano que não está alfabetizado torna-se uma questão não apenas da professora, mas da escola e da família, o incentivo da família é primordial no desenvolvimento da criança.

Tanto para esta questão, quanto para a indisciplina apontada pelas professoras, será necessário estudo e intervenção para busca de alternativas. Porém, se essas intervenções não forem sistematizadas, planejadas e utilizadas com recursos didáticos não surtirá efeito. Esses recursos devem ser usados para mediação no processo de ensino e aprendizagem. Quanto à pergunta sobre as estratégias utilizadas pelas professoras para ministrar as aulas, as respostas foram as seguintes:

**Quadro 3** - Que estratégias você utiliza para ministrar aulas em sua turma?

P1	Roda de conversa, leituras, aula expositivo-dialogada, brincadeiras, jogos e dinâmicas.
P2	Leitura e interpretação de texto, roda de conversa.
P3	Rodas de conversas, jogos, brincadeiras, pesquisas, ajudante do dia (faz a chamada, entrega o material, ajuda o colega, passa o caderno de anotações dos livros que eles levam para casa e registra no "Diário de ocorrências" tudo que acontece na sala e para os que ainda não lêem, fazem o registro oral para alguém da família registrar). No momento das tarefas no livro Didático os enunciados são lidos pelos colegas mais experientes e/ou a professora já que alguns ainda não lêem. As atividades de casa são corrigidas no início da aula enquanto os demais estão escolhendo o livro de histórias (paradidáticos) para levar para casa depois que registrar o nome e o título no caderno da professora. Procuro deixar eles sempre ocupados, mas mesmo assim existe muito o que aprender para mantê-los sem brigas e insultos.
P4	Às vezes utilizo recursos áudio visuais e uma vez por semana tem aula de brincadeiras dirigidas

Fonte: Dados da Pesquisa - 2019

As respostas indicam uma variedade de ações para a realização das aulas, inclusive utilizando jogos e brincadeiras, rodas de conversas, dinâmicas. Essas respostas entram em contradição com as respostas da questão anterior em que todas as professoras elegiam a indisciplina como fator de empecilho para as aulas. Parece haver uma contradição. O fato de haver toda essa dinamicidade dita pelas professoras sugere que as crianças estão envolvidas para realizar as brincadeiras e assim a indisciplina seria amenizada. Mas as professoras afirmam que há indisciplina.

A resposta da P3 demonstra um ritual de atividades, inclusive registradas pelos que não sabem ler, o que não ficou muito claro o papel desse registro pelo aluno.

A professora ainda ressalta que há muito o que aprender para conseguir manter os alunos disciplinados. Sem dúvida há muito o que aprender mesmo. Daí porque é necessário que a escola estude sobre indisciplina. Segundo Abou (2004):

Docentes, durante o curso de formação, deveriam adquirir conhecimentos das principais tendências teóricas sobre educação, que em tese, fundamentariam a prática pedagógica e a postura do profissional diante do comportamento disciplinar de seus pares e demais envolvidos no processo pedagógico (ABOU, 2004, p. 82).

Sendo assim, podemos identificar que a atuação docente inadequada pode ser uma das causas de indisciplina. Com as tecnologias cada dia mais acessíveis as crianças, surge a necessidade de aulas mais atrativas de modo que o professora não domine somente o conteúdo, como também estratégias que mantenham a atenção do aluno, desenvolvendo com eficiência o ensino e, conseqüentemente a aprendizagem. Caso contrário, a aula será vista pelo aluno como sacrifício, então buscará algo mais interessante para fazer, o que pode resultar em indisciplina.

Na pergunta acerca do conceito de indisciplina, as professoras deram as seguintes respostas:

**Quadro 4** - Para você, o que é indisciplina?

P1	Quando não se atende às regras e normas de um ambiente e toma atitudes que atrapalha o funcionamento das aulas.
P2	Indisciplina é a falta de respeito ao próximo, como também a falta de limites.
P3	Tudo que causa desordem prejudica o bom andamento das atividades propostas (insultos, tumulto, não respeita os turnos da fala sair da sala sem comunicar a professora, não zela o material, deixar de cumprir com as atividades propostas, não seguiu as regras construídas por eles mesmos e pela escola.
P4	É o mau comportamento, falta de limites.

Fonte: Dados da Pesquisa - 2019

De forma analógica todas as professoras compreendem que indisciplina é a falta de limites, mau comportamento, falta de respeito ao próximo, enfim alunos que fazem o que querem e quando querem. Tais ações provocam tumulto, deixando o ambiente escolar desagradável, tanto para os demais alunos, quanto para o professor, que não consegue manter os alunos comportados para assim aprender. Chagas (2001) afirma que:

A indisciplina no meio educacional é vista como a manifestação de um aluno com um comportamento inadequado, um sinal de rebeldia, intransigência, desacato, traduzido na falta de educação ou desrespeito pelas regras pré-estabelecidas, na bagunça, agitação ou desinteresse (CHAGAS, 2001, p. 39).

O comportamento inadequado do aluno concorre para o desinteresse que é uma característica do aluno indisciplinado. Para se contrapor a esse comportamento o investimento em aulas que consiga chamar a atenção dos alunos seria uma saída. De acordo com Santos e Girotti (2013):

Uma escola para alcançar um efetivo processo de ensino – aprendizagem deve ter um bom espaço físico, profissionais qualificados e comprometidos com o ato de educar. Essa escola deve ter ousadia no sentido de inovar, buscar elementos que estimulem os alunos a se interessarem em aprender os conteúdos trabalhados na sala de aula (SANTOS; GIROTTI, 2013, p. s/p).

Assim, para se ter alunos disciplinados, o ambiente escolar precisa ter espaço físico adequado, que não é o caso da escola pesquisada. Os alunos tem aula em um prédio e fazem lanche e recreação em outro prédio, fazendo um trajeto pelas ruas da comunidade. Não existe espaço exclusivo pra leitura, nem para TV, esses ambientes são improvisados quando é planejado e necessário. Porém por ter difícil acesso muitas vezes essas aulas diferenciadas são deixadas de lado. Na pergunta sobre como eles lidam com alunos indisciplinados, as respostas foram:

**Quadro 5** - Como você lida com alunos indisciplinados?

P1	Converso, faço acordo, solicito conversa com os pais.
P2	Na minha sala de aula tem muitos alunos indisciplinados, a partir de então, logo no início do ano, foram criadas regras de convivências, e quando não obedece tiramos minutos do recreio, quando não resolve comunicamos a família, para terem conhecimento do que está acontecendo.
P3	Procuro fazer eles pensarem sobre as atitudes negativas através de escutas, leituras que contemplam a temática, projetos que nascem da problemática em questão. Caso não surta efeito devido ao meio em que vivem, são chamados os pais para atentarem ao problema. Nos casos corriqueiros são suspensos do intervalo para pensarem no prejuízo causado pelo não cumprimento das regras.
P4	Tento conversar, outras vezes utilizo a repreensão ou castigos para amenizar.

Fonte: Dados da Pesquisa – 2019

Nas respostas obtidas há uma semelhança na busca de soluções para a indisciplina. As professoras dizem utilizar o diálogo fazendo com que os alunos reflitam sobre o que foi combinado. As respostas fazem referência ao pedido de socorro feito



às famílias. Essa é uma estratégia a ser feita, mas não pode se restringir apenas à denúncia. Para contar com o apoio da família a escola precisa encontrar meios de engajar as famílias nas ações da escola.

É impossível colocar à parte escola, família e sociedade, pois, se o indivíduo é aluno, filho e cidadão, ao mesmo tempo, a tarefa de ensinar não compete apenas à escola, porque o aluno aprende também através da família, dos amigos, das pessoas que ele considera significativas, dos meios de comunicação, do cotidiano. Sendo assim, é preciso que professores, família e comunidade tenham claro que a escola precisa contar com o envolvimento de todos (SOUSA, 2008, p. 01).

Desde forma, não se pode separar escola, família e sociedade. A escola recebe alunos que vem de um convívio familiar, e tem a pretensão de formar cidadãos para a sociedade. A família precisa saber o que está sendo trabalhado com o aluno para sejam estimulados quando estiverem em casa a ler, refazer as atividades propostas. Esses alunos precisam aprender que o “estudar” fora da escola também é importante, e mais com os pais instigando, estimulando em casa essa criança futuramente terá o hábito de estudar sozinha sem precisar de cobranças. E esse hábito repercute em sala de aula.

Nas respostas com relação a esta questão não houve indicação de como as professoras realizam aulas mais atrativas para solucionar a indisciplina. O diálogo é fundamental na relação professor/aluno e na convivência social, mas ele é construído em sala de aula, com aulas dinâmicas, com metodologias ativas, com materiais didáticos que chamam atenção e despertam interesse ao discente. Para Veiga (2007a):

O professor criativo, de espírito transformador, está sempre buscando inovar sua prática e um dos caminhos como tal fim seria dinamizar as atividades desenvolvidas em sala de aula. Uma alternativa para dinamização seria a variação das técnicas de ensino utilizadas; outra seria a introdução de inovação nas técnicas já amplamente conhecidas e empregadas (VEIGA, 2007a, p. 35).

Ainda sobre esta questão de lidar com alunos indisciplinados, as respostas de P3 e P4 revelam a utilização de punição ao aluno, impedindo o mesmo de ir ao recreio ou não participar de alguma aula diferenciada, quando descumprir as regras. As atitudes com ações coercitivas de imposição de regras de modo verticalizado parecem não ter gerado efeito positivo para amenizar a indisciplina na escola.

Assim, há necessidade de novas estratégias. A punição não educa. Tiba (2006) afirma que: “a escola deve educar quem não conhece boas maneiras e reeducar aqueles que sabem, mas não aplicam seus conhecimentos. A punição deve existir quando nenhuma combinação entre as partes for eficiente” (TIBA, 2006, p. 126). O fato de tirar minutos do intervalo pode concorrer para que a criança fique pensando/planejando outras ações, na tentativa de mostrar ao professor que isso não surtiu efeito para o bom relacionamento.

A origem da indisciplina escolar, geralmente vem do meio familiar. A escola tem o dever de ensinar boas maneiras de convivência social e isso pode acontecer com “exemplos” partindo dos pais e também dos professores. Mostrar o erro não é dizer que está errado, mas sim explicar as consequências, construir outras relações. A punição, o castigo não se configuram como soluções educativas.

Tiba (2006) afirma que “ao ser expulso da classe ou suspenso das aulas, o mau aluno se sente premiado, pois o que ele mais queria era não assistir à aula, nem permanecer em classe” (TIBA, 2006, p. 123). Então quando essa atitude é tomada pelo professor e pela a escola implica em fazer na realidade o que o aluno indisciplinado mais deseja, que é ficar fora de sala de aula. Na pergunta sobre as ações realizadas pela escola acerca da indisciplina, as respostas foram as seguintes:

**Quadro 6** - Que ações são realizadas pela escola acerca da indisciplina?

P1	O professor preenche uma advertência, os pais são chamados para tomar conhecimento e assinam.
P2	Palestras com psicólogos, reunião com os pais.
P3	Pedem que os professores registrem as ocorrências e encaminhem a direção que faz a escuta dos alunos e quando necessário chama os pais e os encaminham a psicóloga
P4	A escola não possui regras específicas, fica a cargo do professor utilizar o incentivo ou punição.

Fonte: Dados da Pesquisa - 2019

As respostas obtidas pelas P1 e P3 possuem a mesma pretensão em responder sobre as ações tomadas pela escola, que é o preenchimento das ocorrências sobre indisciplinas cometidas pelo aluno. Assemelha-se a um prontuário policial com as ocorrências ali expressas. As professoras responderam que esses fatos são registrados e encaminhados a direção para tratar com os familiares. A resposta da P4: “a escola não possui regras específicas, fica a cargo do professor utilizar o incentivo ou punição”, não se detém a informar as ações, mas já indica que

a escola não possui regras específicas, como se isto fosse um pré-requisito para conter a indisciplina.

Por sua vez, a P2 diz que “a escola realiza palestras com psicólogo e faz reunião com os pais”. Não houve indicação sobre as consequências de tais reuniões e o formato em que elas acontecem.

Tanto a família quanto a escola desejam a mesma coisa: preparar as crianças para o mundo; no entanto, a família tem suas particularidades que a diferenciam da escola, e suas necessidades que a aproximam dessa mesma instituição. A escola tem sua metodologia e filosofia para educar uma criança, no entanto ela necessita da família para concretizar o seu projeto educativo (PAROLIN, 2003, p. 99).

A forma como a escola define suas ações, como programa suas atividades, como desenvolve o ensino aprendizagem, as metodologias e a relação professor aluno estão contidas em sua proposta pedagógica. Por essa razão, foi perguntado aos professores se o PPP da escola aborda o trabalho com a indisciplina escolar. As respostas das professoras foram as seguintes:

**Quadro 7** - Você sabe se o PPP na sua escola aborda alguma proposta sobre indisciplina?

P1	Não sei.
P2	Não
P3	Sim, de forma bem sucinta.
P4	Não tenho conhecimento.

Fonte: Dados da Pesquisa - 2019

A quase totalidade das respostas indica que as professoras dizem não ter conhecimento sobre o que o PPP aborda acerca da indisciplina escolar. Apenas a P3 respondeu que o PPP aborda essa temática de forma sucinta, não esclarecendo o teor do tema abordado. Com essas respostas pode-se inferir que o referido documento não é objeto de estudo e discussão dos professores.

O Projeto Político Pedagógico (PPP) de uma instituição escolar deve servir para nortear as realizações educativas, no sentido de expressar o interesse da escola sobre tais aspectos. Esse desconhecimento ou a falta de discussão dos professores sobre as pretensões da escola estabelecidas no PPP indica que a escola ainda não está preparada para pôr em prática uma gestão democrática voltada aos interesses dos alunos e da sociedade em geral. Segundo Veiga (2007b):

O Projeto Político-Pedagógico, ao se constituir em processo democrático de decisões, preocupa-se em instaurar uma forma de organização do trabalho pedagógico que supere os conflitos, buscando eliminar as relações competitivas, corporativas e autoritárias, rompendo com a rotina do mando impessoal e racionalizado da burocracia que permeia as relações no interior da escola (VEIGA, 2007b, p. s/p).

O PPP deve trabalhar especialmente as questões referentes à escola, é um projeto elaborado por toda comunidade escolar, pais, professores, estudantes e funcionários, geralmente reelaborado anualmente, buscando melhoria no processo de ensino e aprendizagem.

A ação da gestão democrática escolar precisa esclarecer a sua importância para o melhoramento do ensino. Toda escola necessita de uma administração, porém quando esta se dá de forma democrática, ela pode avançar de maneira positiva rumo a um bom ensino. E é apreendida como a participação eficaz dos múltiplos segmentos da comunidade escolar, pais, professores, estudantes e funcionários na organização, na edificação e na estimativa dos projetos pedagógicos, na administração dos recursos da escola, por fim, nos procedimentos decisórios da escola.

Se os professores da escola não conhecem as propostas do PPP, e o mesmo de acordo com as respostas não apresenta estratégias para lidarem com a indisciplina. Essa instituição continuará com o mesmo “problema”, alunos indisciplinados e professores desesperados, sem domínio, e sem vê avanço na aprendizagem dos alunos. Uma escola parada no tempo, ficando para trás.

Na pergunta sobre que ações são realizadas com pais de alunos indisciplinados e o que consideram dessas ações as respostas foram:

**Quadro 8** - Que ações têm sido realizadas com os pais de alunos indisciplinados e como você considera essas ações?

P1	Os pais convocados tomam conhecimento, assinam a advertência preenchida pelo professor e só isso
P2	Os pais são chamados pela direção e coordenação da escola, para que tome conhecimento do que está seus filhos fazem na escola, considero valida essa ação, pois ameniza.
P3	No passado já houve grupas de estudos específicos para cada problemática enfrentada. Hoje são realizadas reuniões por turmas. Particularmente considero pouco eficaz.
P4	São realizadas reuniões ou são chamados individualmente na escola, não tem surtido efeito, visto que é uma questão de criação.

Fonte: Dados da Pesquisa - 2019

Nas respostas obtidas há uma certa semelhança no que diz respeito à tomada de conhecimento pelos pais de alunos indisciplinados, eles são chamados pela direção pra tomarem conhecimento. O fato de serem chamados para saberem das ocorrências não poder visto como uma ação eficaz, tendo em vista que se os próprios professores não tem conhecimento do PPP da escola, que segundo as respostas não possui estratégias para a escola em geral lidar com a indisciplina. A própria escola está sendo indisciplinada.

A P1 relata que os pais quando chamados “assinam uma advertência”, isso soa como um conhecimento registrado por ambas as partes, porem segundo a mesma essa ação não é válida, assim como a P4 também relata; “-não tem surtido efeito” e coloca a questão de criação familiar como empecilho para ajustar essa indisciplina. E a P3 também considera “pouco eficaz” as reuniões. É possível inferir que a ação mais tomada que é a “reunião” não é uma estratégia para relacionar escola, família e sociedade.

Já a resposta da P2 é contraditória às demais, o fato de os pais tomarem conhecimento das ações dos filhos na escola ameniza seu comportamento, embora seja momentâneo. Isto soa como uma ação eficaz dependendo da família da criança em questão. Na pergunta sobre se as professoras já participaram ou participa de algum programa de formação continuada sobre Indisciplina escolar, as respostas foram:

**Quadro 9** - Você já participou ou participa de algum programa de formação continuada sobre Indisciplina escolar? Qual a contribuição deste?

P1	Não
P2	Não
P3	Não
P4	Não. Porém tenho assistido vídeos para ajudar na indisciplina

Fonte: Dados da Pesquisa - 2019

As respostas obtidas por todas as professoras relatam não terem participado de nenhuma formação contínua sobre indisciplina escolar. Essas respostas denunciam que a escola não estuda com seus professores sobre os problemas que afligem a instituição. Sem estudo não há como ter outras práticas. Isso pode justificar os erros cometidos na ministração das aulas. Elas não possuem estudo teórico-metodológico para enfrentar a indisciplina. Não há formação continuada, com estratégias para superar as aulas “tradicionais”, para assim torná-las atrativas. Sobre isso diz Tiba (2006): “o professor precisa provocar, captar a atenção dos alunos para o que ele está falando. O que a gente vê não esquece, o que nem sempre ocorre com o que lemos” (TIBA, 2006, p. 126).

Aulas com tradicionais do tipo só leituras no livro didático, onde só o professor fala, pode tornar uma aula sem criatividade, e conseqüentemente os alunos não irão gostar e nem ter vontade de aprender.

Ter contato com materiais concretos, que desenvolvem melhor o raciocínio lógico é essencial para o desenvolvimento. A motivação por aulas diferenciadas pode trazer resultados melhores na aprendizagem, uma aula apenas com leitura torna-se menos interessante.

A P4 relata mostrar interesse pelo assunto, busca por conta própria informações sobre a temática. Percebendo que há necessidade de estudar sobre a indisciplina, afinal se a falta de disciplina está sendo um grande problema nas escolas, é preciso ter conhecimento para assim pôde lidar de forma correta com as situações de indisciplina. Ao perguntar às professoras se há algum referencial teórico que respalde sua prática docente ou a prática educativa da escola, as respostas foram as seguintes:

**Quadro 10** - Há algum referencial teórico que respalde sua prática docente ou a prática educativa da escola?

P1	Não
P2	Não
P3	Os Parâmetros Curriculares Nacional ajudam bastante. Os estudos de Emília Ferreiro e Ana Teberosky, Paulo Freire, Piaget, Vygotsky, BNCC.
P4	Os parâmetros curriculares nacionais, sendo que ultimamente está adormecido, visto que o tempo é curto.

Fonte: Dados da Pesquisa - 2019

As respostas da P1 e P2 relatam que não possuem uma prática docente com base teórica. A falta de estudo trás consequentemente a falta de conhecimento. Essa falta de estudo dificulta a como lidar com as situações de indisciplina, domínio da turma. O professor precisa estudar continuamente. A falta de estudo repercute na dificuldade em trabalhar com os alunos na escola. É preciso buscar capacitação para estar em sala de aula.

Já a P3 diz basear-se nos Parâmetros Curriculares Nacionais e em vários autores e a P4 informa que os referenciais estão adormecidos, em virtude do tempo curto.

O fato de a P3 utilizar uma proposta curricular como os parâmetros, além de alguns autores atuais constitui importante base para a realização do ensino. Porém, este estudo deve ser ampliado com os demais componentes do corpo docente de modo a promover estudos na escola.

## 5. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Ao finalizar a escrita deste texto torna-se oportuno pontuar alguns achados resultantes do estudo desenvolvido. A pesquisa sobre Indisciplina escolar realizada em uma escola municipal da zona rural de Barra de Santana (PB) destaca aspectos não imaginados quando do início da investigação.

A indisciplina permeia grande parte das respostas dos professores, o que significa que ocupa um grande espaço na sala de aula. Ainda que a indisciplina seja muito presente no cotidiano da escola, isto não tem mobilizado a escola e os professores a estudarem esta temática em suas formações continuadas. A escola não promove espaços de estudo sobre essa questão.

É possível inferir que os docentes convivem no dia-a-dia com a questão da indisciplina, mas não possuem base teórica para enfrentar a questão da indisciplina e, as medidas tomadas por estes ainda não estão sendo eficazes. As professoras entendem que a indisciplina é uma ação isolada dos alunos e não fazem relação com a dinâmica das suas aulas.

A pesquisa tem um significado especial para mim, pois a princípio imaginei que o problema da indisciplina era de certa forma, culpa dos alunos, dos pais que não sabiam educar etc. Porém, a partir desta investigação pude perceber que não se trata de culpabilizar ninguém, mas de entender que a sala de aula é espaço para ocupar os alunos de modo a amenizar a indisciplina.

Percebi o quanto já errei em sala de aula por falta de estudo, de conhecimento e que falhei na condição de profissional da escola. Os aspectos indicados nas respostas das professoras coincidem com os apontados por mim, antes da realização deste estudo: que os alunos são indisciplinados por falta de regras e atitudes tomadas por algumas famílias.

Foi possível perceber que a escola negligencia a discussão sobre a indisciplina e os professores desconhecem a inclusão deste assunto no Projeto Político Pedagógico da escola.

A indisciplina dos alunos parece ser um dos maiores problemas da escola, mas a busca de estratégias para solucioná-la não tem sido ainda contemplada. Os professores demonstram não possuir base teórica para enfrentar a indisciplina dos alunos. Há a afirmação de que não têm uma base teórica que respalde a prática.



A punição e os castigos são apontados como soluções pelas professoras. Tais ações não farão com que os alunos mudem o comportamento, pelo contrário, os alunos podem ficar mais revoltados e planejarem outras formas de desordem pra afrontar a escola.

A análise realizada mostra que as professoras não fazem relação entre a indisciplina e as aulas, à dinâmica do ensino e aos limitados recursos utilizados para ministrar aulas.

Fica patente que não basta o professor medir força com o aluno, mas é necessário pensar a indisciplina como um problema da escola e que precisa ser superado coletivamente, principalmente, precisa ser objeto de estudo do corpo docente.

## 6. REFERÊNCIAS

- ALVES, Cândida Maria Santos Daltro. **(In)disciplina na escola**: cenas da complexidade de um cotidiano escolar. Ilhéus-BA: Editus, 2006.
- AQUINO, Júlio Groppa. **Indisciplina na escola**: alternativas teóricas e práticas. São Paulo: Summus, 1996.
- BRENNAND, Eládio J. G. **Metodologia científica na educação à distância**. João Pessoa: EDUEPB, 2012.
- FREIRE, Paulo. **Pedagogia do oprimido**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2005.
- GUIRADO, Marlene. Poder indisciplina: os surpreendentes rumos da relação de poder. In: AQUINO, Julio G. (Org.). **Indisciplina na escola**: alternativas teóricas e práticas. 13. ed. São Paulo: Summus, 1996.
- MENDONÇA, Sandra Zaminhã. (In)disciplina escolar: visão de professores e os modos de lidar. 2010. **Trabalho de Conclusão de Curso** (Graduação em Pedagogia) - Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre.
- MINAYO, M. C. de S. (Org.). **Pesquisa social**: teoria método e criatividade. 17. ed. Petrópolis-RJ: Vozes, 1994.
- PAROLIN, Isabel. **As dificuldades de aprendizagem e as relações familiares**. Fortaleza: [s/e], 2003.
- REGO, Teresa Cristina R. A indisciplina e o processo educativo: uma análise na perspectiva vygotskiana. In: AQUINO, Julio R. G. (Org.). **Indisciplina na escola**: alternativas teóricas e práticas. São Paulo: Summus, 1996.
- SANTOS, Edna Ferreira dos; GIROTTI, Marcio Tadeu. Indisciplina em Sala de Aula: o Jogo como Instrumento Metodológico para uma Possível Solução de uma Problemática. **Trilhas Pedagógicas**, Pirassununga-SP, v. 08, 2013.
- SOUZA, A. P. A importância da parceria entre família e escola no desenvolvimento educacional. **Revista Iberoamericana de Educação**, v. 44, n. 07, 2008.
- TAILLE, Yves de La. **A indisciplina e o sentimento de vergonha**. São Paulo: Summus, 1996.
- TEIXEIRA, Angela Cloé Pacheco. A indisciplina em uma instituição escolar. 2010. **Trabalho de Conclusão de Curso** (Graduação em Pedagogia) - Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre.
- TIBA, Içami. **Disciplina**: Limite na medida certa. São Paulo: Integrare, 2006.
- VASCONCELLOS, Celso dos Santos. **Disciplina**: construção da disciplina consciente e interativa em sala de aula e na escola. São Paulo: Libertad Editora, 1995.

\_\_\_\_\_. Os desafios da indisciplina na sala de aula. 1997. Disponível em: <[http://www.crmariocovas.sp.gov.br/pdf/ideias\\_28\\_p227-252\\_c.pdf](http://www.crmariocovas.sp.gov.br/pdf/ideias_28_p227-252_c.pdf)>. Acesso em: 11 jun. 2019.

\_\_\_\_\_. **Coordenação do trabalho pedagógico**: do projeto político-pedagógico ao cotidiano da sala de aula. São Paulo: Libertad Editora, 2004.

VEIGA, I. P. A. (Org.). **Técnicas de ensino**: por que não? Campinas-SP: Papirus Editora, 2007a.

VEIGA, Ilma Passos (Org.). **Projeto Político-Pedagógico da escola**: uma construção possível. 23. ed. Campinas-SP: Papirus, 2007b.

WALLON, Henri. **Psicologia e Educação da Criança**. Lisboa: Veja, 1979.

ZAGURY, Tania. **O professor refém**: para pais e professor entenderem porque fracassa a educação no Brasil. Rio de Janeiro: Record, 2006.

ZANDONATO, Zilda Lopes. Indisciplina escolar e relação professor-**aluno**: uma análise sob as perspectivas moral e institucional. 2004. **Dissertação** (Mestrado em Educação) - Universidade Estadual Paulista, Presidente Prudente-SP, 2004.

## 7. ANEXO

### QUESTIONÁRIO

1. Como você considera que são suas aulas?
2. Quais as principais dificuldades para ministrar aulas em sua turma?
3. Que estratégias você utiliza para ministrar aulas em sua turma?
4. Para você o que é indisciplina?
5. Como você lida com alunos indisciplinados?
6. Que ações são realizadas pela escola acerca da indisciplina?
7. Você sabe se o PPP na sua escola aborda alguma proposta sobre indisciplina?
8. Que ações têm sido realizadas com os pais de alunos indisciplinados e como você considera essas ações?
9. Você já participou ou participa de algum programa de formação continuada sobre Indisciplina escolar? Qual a contribuição deste?
10. Há algum referencial teórico que respalde sua prática docente ou a prática educativa da escola?